

Aurora Académica

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO E LITERÁRIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO L. da Republica do Brasil n.º 11 Composto e impresso na Tipografia MINERVA—Famalicão	Director — José F. Lima EDITOR — MANUEL PEDROSA S. da R. e Administrador — Simão Pinheiro	ASSINATURAS { Numero avulso... 2 centavos Trimestre..... 6 Toda a correspondencia é dirigida ao Director
--	--	--

Ao snr. Ministro d'Instrução

Apesar de muito preocupado com os meus deveres de estudante, assumi a direcção deste singelo periodico que pouco tempo terá de existência visto as férias impedirem a sua continuação e o povo de Guimarães não saber apreciar coisas que para a nossa idade são demasiado ponderáveis.

Está só costumado a piadas sem piada.

E para que este quinzenário tivesse duração até à nossa revoada para férias grandes, resolvi, pondo de parte responsabilidades, entregar algumas secções aos estudantes que quizessem favorecer o *Zé povinho* com as supraditas piadas.

Mas deixemos isso e vamos ao que importa.

Ora, nós, no transacto número expuzemos sumariamente os fins desta modesta e simples folha, mas não nos cingimos—em parte—ao nosso parecer.

Se o jornal é órgão da Academia, tem de defender e pugnar pelos seus direitos e interesses e, para que possa proceder, é necessario que cada um de nós os conheça.

Tempos houve, em que o estudante, sem grande dificuldade e claramente, reconhecia os direitos e regalias que lhe eram inerentes, ao passo que o moderno estudante, não só desconhece esses mesmos direitos, mas até não procura desvendá-los no seio da nossa maldita *Reforma* que, sem ritmo algum, nos entorpece o espirito, de modo que, se nada sabiamos quando sobre nós começou a pesar, nada, ou menos ainda, ficamos a saber.

Acho, sem dúvida alguma, humanamente impossível que um estudante, por muito aplicada e inteligente que seja, possa apresentar-se nas aulas pronto a ser chamado a todas e satisfazer devidamente os respectivos professores.

Bem sei que estudamos tantas matérias para delas ficarmos com uns vagos conhecimentos e não para encasquetarmos no *caco* todos os livros, cumprindo à risca tudo o que reza o programa liceal.

Maldita Reforma! Maldita! Inglês! — Quesabemos de inglês? Francês! — Que sabemos de francês? De tudo, ninharias. Parece-me que com tanta coisa a estudar ficaremos tapados como o pai Adão.

Emfim, querem fazer-nos enciclopédicos à força...

Devagar, devagar se vai ao longe.

Porque não aumentam o curso liceal para que as matérias sejam mais espaçadas, podendo assim serem estudadas demoradamente?

Desde a primeira classe dos liceus até à quinta classe estudamos francês.

— Isso é que a gente fica a atingir francês! Nem na França!!!

Desde a segunda até à sétima classe estudamos inglês ou alemão...

De modo que, misturando tudo, respondemos francês quando se nos pergunta inglês ou alemão, etc.

E português?!

Isso, então não se fala!!! Leva cada facada!...

Sabemos português a fundo. Coitadinho! Deixamo-lo após o exame de segundo grau.

Pois, só o professor primário pôde ensinar às crianças rudimentos de português, porque sobre eles não pesa ainda a esmagadora e terrível Reforma.

Vós, senhor ministro, que nesta hora de luta perigosa, nos assistís lá da vossa cadeira, tende mais um pouco de piedade para conosco, procurando melhorar a nossa triste situação, porque a todos tereis feito algum bem, mas menos a nós, aos académicos.

As férias são tão grandes que nem tempo dão de chegarem a casa aquêles que residem em Bragança, Trás-os-Montes, etc.

As férias passam como passa o ligeiro pensamento.

Pois, senhor ministro, já que não *reformais* a Reforma, acho justo, aliás justissimo, que quem trabalha mereça descanso.

Sei que os académicos do norte do país resolveram e officiaram a V. Ex.^a pedindo-lhe a prorrogação das férias até domingo de Pascoela, mas que, segundo me noticiaram de Lisboa, V. Ex.^a conservar-se há imóvel ante essas súplicas tão justas.

E' bem que nos atenda, atendendo tambem aos 6\$500 (6 1/2 escudos) que temos de pagar no meio do ano sem sabermos se obteremos passagem para a classe imediata.

Sobre isto falarei em breve.

Da parte de Sua Ex.^a o snr. ministro solicitamos toda a sua generosidade para conosco.

José F. Lima.

CRIME!...

Desprezas-me, despeitada,
 Por te ter amor sublime
 E tornaste-te zangada,
 Dizendo ser isso um crime.

Quem tem a culpa, querida,
 D'esses enormes rancores?
 — São teus olhares sedutores
 Que, olhando, m'aumentam vida.

Se tu m'odeias, querida,
 Tornam-se tristes meus dias;
 Roubas-me parte da Vida
 Qu'aumentar tu me devias...

E dize-me agora, Léna, (*)
 Qual será maior o crime:
 Se o meu — amar-te, pequena, —
 Se o teu — desprezo sublime —!...

(Do livro «Genio Luso»).

Antonio Abilio de Mesquita.

(*) Léna: Crisma da musa a quem é dedicado o «Genio Luso», Ex.^{ma} Senhora D. Maria Garcia Fernandes.

Que tristeza!

Noite de Carnaval. A cidade, não obstante os géneros alimentícios terem encarecido extraordinariamente devido ao estado anormal em que a Europa se encontra, apresentava um aspecto folião. Desde as ruas principais até ás mais imundas vielas, o mesmo inusitado movimento se fazia notar. Das janelas dos luxuosos palacetes e das dos humildes casebres dos operários tinha-se atirado, às mãos cheias, dinheiro transformado em pós, papelinhos, etc., etc. E eu, que ao sair de casa, longe de pensar no Carnaval, ia recompondo na mente o quadro verdadeiramente comovedor do desfile das tropas, que havia pouco tinham partido para Angola a defender a integridade da nossa querida Patria, ao ver o delírio da turba ignara, exclamei: — «Almas feitas de lama e egoísmo, bem cedo esqueceste os nossos irmãos que, à hora em que vos estorceis nos paroxismo do gôso, talvez est-jam derramando o seu sangue por vós, almas hipócritas e mentirosas! Bem cedo esqueceste esses que, longe da Patria, sofrendo — quem sabe? — os horrores da fome e da sede, só teem a animá-los a ideia de que se sacrificam pelo vosso bem-estar, vós creaturas! Bem cedo esqueceste essas velhinhas que, quando viram partir seus filhos, talvez para nunca mais voltarem, arrancaram do peito trágicos gemidos que, se não fosseis possuidores de tigrinos corações, deviam ainda ecoar aos vossos ouvidos! Tudo esqueceste, ó cínicos canalhas!»

Ao acabar de pronunciar estas palavras, produto do meu cérebro revoltado, uma estridente gargalhada soou por detrás de mim. Voltei-me repentinamente. Era uma infeliz mulher a quem o destino arremessou á ultima degradação de seu sexo.

Olhei-a com compaixão e fui ocultar-me na solidão do meu quarto, onde não chegava o rumor que ia lá fóra.

Aí, entre as quatro paredes do meu humilde aposento, necessitava de qualquer coisa que me distraísse o espirito exaltado. Lembrei-me de ler; e, ao acaso, tirei da estante um livro. Era as «Palavras Cínicas», de Albino F. de Sampaio. Eu tinha uma vaga recordação de ter principiado a ler esse livro, não sei quando; recordava-me, tambem, de que tinha estremecido de terror ao ler algumas das suas páginas e que o não pudera acabar de ler; e com-tudo, naquela ocasião, eu sentia-me fortemente impellido para aquele livro, cuja doutri-

na me fizera tremer outrora e escutava uma voz amortecida, vinda não sei donde, que murmurava assim: «Esse livro que tens na mão, livro que já arremessaste como se fosse um asqueroso reptil, é um livro sedutor, a cuja sedução eu sei que tu não resistirás agora, visto que, das palavras que ha pouco te ouvi, se depreende que já vais aprendendo a reconhecer o quanto os homens são egoístas».

Então, não hesitei mais. Abri o livro e comecei a ler. Oh! E como me fez bem essa leitura! Quando acabei de ler a ultima página do livro, estava a multidão saindo do teatro que ficava fronteiro à minha casa. Aproximei-me da janela para ver sair aquela gente e estas palavras saíram-me da boca quasi instintivamente: — «O' admiráveis bandoleiros, vocês teem razão!»

O mundo foi, é e será sempre assim, eternamente egoísta!

A.

SECÇÃO DE HONRA

Amor de mãe

Amor de mãe! Oh! palavra abençoada, termo bendito, sentimento cheio de encantos, de ternura e de affectos!

O que haverá na terra que se possa comparar ao amor de mãe?!

Que estrofes nos proporcionará a literatura que possam, condignamente celebrar na poesia, ao som de hinos arrebatadores duma musica divina, ou em trechos duma prosa encantadora, descrever todas as excelencias de que é capaz o amor de mãe?

Só ela pôde e sabe adivinhar as mais intimas necessidades dos seus filhos.

Só ela sabe sofrer em silencio as agruras, as privações e mais que isto ela sabe esquecer a ingratidão dum mau filho.

Quantas vezes nos embalou cantando uma melodia que mais traduziria a expressão duma angustia cruel, duma magua pungente de saudade, ou de uma dôr intima de desespero de que nos revelaria a satisfação ou o estado de alegria da sua alma nesse momento?

E' que, só uma boa mãe sabe sofrer cantando!

E donde derivam tantos excessos de amor e ternura?

Quem seria capaz de os inspirar?

A sua generosidade, o seu bom coração, a sua crença e fé em Deus, enfim, todos esses ensinamentos salutaes de educação, que dirigem a razão, que fortalecem a vontade, e dão á alma a coragem e o valor que nos impele á pratica das boas acções.

A.

Conta-se

Que o diretor do «Espião» conhecido por caloteiro, ainda não pagou à Academia a importância da cadeira tomada para assistir à récita do 1.º de Dezembro, no teatro D. Afonso Henriques.

Que o papá da Lulú, por varias razões, não levará muito tempo, esganará o Armando da Oliveira.

Que a Lulú namora bem, mas tem o defeito de falar demasiado alto, comprometendo-se e ao seu predilecto.

Que o pedantico do Tiberico ficou embasbacadito há dias, no Jardim do Toural, por lhe ser negado um aperto de mão que solicitou a uma mademoiselle ajuizada.

Que na 4.ª classe, 1.ª turma do nosso liceu se encontra um grande deposito de teias de aranha, que se recomendam aos interessados, pela modicidade dos seus preços.

Que o sôr André, vai pedir ao ministro da Instrução para o dispensar de tirar a mitra quando tiver de dar a hora para livrar a careca das moscas. Achamos justo... justissimo!

Que o Tomazinho Rocha, foi à parede, quando, á vinda da ultima conferência quaresmal no Campo da Feira, foi apontado por umas senhoras, com a devida critica, por trazer uma flôr vermelha do tamanho do chapéu toureiro do Zé das luvvas pretas.

Que isto se não tornaria tam notado se o Tomazinho não tivesse ficado viuvo.

Que a Izaurinha Carôta já se arrependeu daquela visita que fez no dia 25, ás 11 horas da manhã, a uma casa junta á camara.

Que esse arrependimento se não daria se os olhos do vulgo andassem fechados e as paredes não tivessem ouvidos.

Que a dita Izaurinha já possui um vestido da moda, que, mesmo ao longe, delicia a curiosidade dos Maneles.

Que o academico A. Veloso, foi apanhado a fazer um rascunho duma carta amorosa para a sua querida Sibéria.

Que a nossa celeberrima «formiga» pretendendo assaltar o quartel, mandou vir pelo rápido, das duas, dois vagons carregados de vonvas impossiveis como sejam cascas de nozes, de pinhões, de laranjas, tônas de batatas, de maçãs etc., etc. Portanto, meus senhores, cautela com os tubarões.

Que um «Zeppelin», voando sobre o quartel, foi avistado pela sentinela, a qual lhe fez fogo matando o aviador.

O «Zeppelin» yendo-se sem governo caiu pelas imediações do cano, sendo em seguida levado para o hospital da Misericórdia em gravissimo estado, tendo por isso uma assistência de cinco doutores.

Que dois perús, tendo travado uma luta muitissimo rija, foi preciso mandar vir para os conter, oito esquadrões de cavalaria que se viram bastante atrapalhados para os separar.

Que um pai tinha um filho de quem gostava imenso, e como êste, um dia lhe dissesse que queria dar um passeio de aeroplano o pai consentiu. Estava já o filho pronto para partir quando o pai lhe disse: «Meu filho, tem muito cuidado para que te não esbarres nalguma parede nem te choques com algum automovel!» «Fique descansado, meu pai—respondeu o filho,—porque farei todo o possível para que me não aconteça nada».

Que um académico triste, sempre que está à janela e passam na rua senhoras decotadas, ou fecha os olhos ou se retira logo.

Que o porteiro Cunha tem um bigode semelhante aos ouriços.

Que o Amadeu Cabanelas, vulgô o charuto, não passa ao centro da povoação de Vizela porque ferrou o cão a um desses estabelecimentos e o não quer desferrar.

Que o mesmo Charuto tem de pôr o pêlo no seguro, pois nem com fugir daí se livrará das chicoladas do pobre comerciante que o supunha gente e não cãoseiro.

Que alguém escreveu a um académico perguntando-lhe a razão porque a Lulú passeia de braço dado com o papásinho.

Que a mademoiselle A. F. de M., se põe sempre vermelha quando passa pelo menino do castão de prata, simplesmente por este, casualmente, notar que o seu espartilho pouco resistente descarrilou na estrada de S. Torquato. Não se aflija, menina, isso é uma coisa natural, naturalissima...

Que o Tibério Beltrão, pediu ao Jeronimo Ferreira 500 réis para as suas costumadas façanhas porcas.

Que o Bilontra, não paga os célebres 300 réis que pediu ao sr. Joaquim Pereira Fernandes. Paga, caloteiro, a ele e ao Fonseca da Sociedade M. S. Paga e não bufes...

PREZADOS COLEGAS

Venho dar-vos um abraço sincero pela empresa que encetasteis. No nosso meio surge de quando em quando um jornal com o fim de defender os nossos interesses; mas, quasi sempre, o sópro da fadiga o derruba, após uma vida curtissima. No entanto vós outros cheios de vida, fazeis-me prevêr que estaes aptos a arrostar contra todos os perigos. Oxalá que não me engane. E' necessario que a Academia portugueza saiba honrar os seus antepassados; é necessario que das nossas escolas saiam homens para a Rua e não covardes que enfraqueçam ainda mais a nossa Patria; é necessario que amanhã os d'hoje, velhos então, vejam com magua que o que eles fizeram para a desgraça de Portugal foi emendado pela Academia dos nossos dias. Eu sou um atomo mirrado na grande sociedade dos estudantes; no entanto, Portugal pôde contar comigo porque cumprirei o meu dever de patriota para o livrar da Desgraça na qual ele se immerge.

Avante, pois, colegas! E com um brado unisono de todos os estudantes vimaranen-

ses comungae nas mesmas ideias para que a Academia portugueza caminhe para o mesmo fim. Para isso é preciso destruir, em primeiro, a crença de que o professor é pastor que guarda os carneiros—os seus alunos.

Felizmente, no Porto, tende a desaparecer; e vós amáveis colegas, derrubae-a tambem, porque, derrubando-a, defendeis os vossos direitos. Não julguem os que me lêrem que eu só falo e não tenho obras; enganam-se. Sei honrar a capa que deito aos hombros e ai d'aquelle que perante mim ultrage as nossas ideias.

Moços de Guimarães, abri o vosso cerebro hoje obscuro porque tendes as columnas da Aurora que vos mostrará horizontes encobertos pela escuridão sinistra. Não receeis a critica, porque, todo aquelle que falar dos vossos escritos, tem-vos inveja. Não desanimeis nunca perante quaesquer revezes. E' preciso que a Academia d'hoje saia da enorme obscuridade em que se encontra, custe o que custar.

Prometendo-vos roubar em todos os numeros um cantinho do vosso jornal, confesso-me

Colega leal,

Antonio Abilio de Mesquita.

29 de Março de 1915, cidade Invicta.

PASSA TEMPO

Formar o nome duma terra portuguesa com a seguinte palavra:

RAPADA

Por iniciaes

F d p s n
2 1 2 2 2

Charada

N'agua debes procurar-me—2
Não existo em parte alguma—2
No ardente estêu te sirvo
De prazer, delicia suma.

Marques Guimarães.

Com as seguintes palavras, formar o nome dum talento poliglota, desta cidade:

—Joga, come, e, se manga, riso.

Idem, duma terra portuguesa:

MAL DO VOAR

José J. G. da Silva Couto.

No proximo numero, publicaremos os nomes dos decifradores, que, para isso, deverão participal-o ao director da «Aurora Académica» em cartão ou carta.

Na escola

Prof. — O' rapaz, o que vem a ser um arminho?
Aluno — E'... é... um... um... é um vegetal.
Prof. (irado). — Rapaz, di-lo, que espécie de vegetal é?
Aluno—(choramingando). E... é...
Prof. — E'... é... é o que? Dize depressa.
Aluno—E'... é... é um percozelho.

Watrich.

Progresso

—O' Eduardinho, porque é que quando duas pedras dão uma na outra fazem lume?
—E' porque... é porque...
—Anda ligeiro, Eduardinho... depressa... vá.
—E' porque teem lampeões lá dentro.

W.

Momentaneos

Quem é que por causa da Rosinha roe a unha?

—E' o Martins da Cunha.

Quem é que sempre, perfis fez à sua amada do C. da Feira?

—E' o J. Teixeira.

Quem é que o seu pedantismo muito mostra?

—E' o Eduardinho Costa.

Quem é que gosta de marmelos?

—E' o Armando de Barcelos.

Quem é que recebe a massa do «Espião» e nada mostra?

—E' o Costa.

Quem é que com as suas maluqueiras parece um garoto?

—E' o laparoto.

Quem é que aspira a fotografo, e vai para os lados do Gominhões?

—E' o Silva Guimarães.

Quem é que no piano lindas composições toca tais como o «Vira»?

—E' a demoiselle Elvira.

Quem é que frequenta uma republica de estudantes e sempre requisita ás patroas um copo d'agua para vêr se lhe dão vinho?

—E' o Mariquinhas do Tiberinho.

Quem é que usa tações no cabelo à moda de sapateiro?

—E' o Barros Carneiro.

Qual é o animal mais estúpido, mais bronco e que não vale um pinhão chôcho?

E', da R. Elias Garcia, o célebre môcho!

Quem é que anda cheia de chança por ter um vestido à Kaiser e umas novas sapatinhas?

—E' a filha da sôr Aninhas.

Quem é que no fogo do poisa é um pimpão?

—E' o Beltrão.

Quem é que pelo môcho anda babadinho?

—E' o Al...ba...ni...nho.

Quem foi que deu casca por o nosso jornal não trazer piadinhas?

—Foi a So...le...da...de... da sôr Aninhas?

Quem é que anda perdido por uma prefeitinha?

—E' o Costa Rainha

Quem é que traz uma gravata de chita que sujou a tomar rapé?

—E'... é... o André.

Quem é que sempre bufa e parece um ningueminho?

—E' o senhor Godinho.

Quem não conhece?

Quem não conhece o estúpido pedantismo dessa trindade mulheril, que, gatafunhando, tremelicando, apanha alguns vintens ao paes das ingenuas crianças, que a sua casa, quer dizer, á casa da sua habitação vão aprender (?) o A B C, aí para os confins da rua de Elias Garcia?

Quem rão conhece de perto essas travadicas carotenias, amantes em extremo das sardinhas da caravela, que, por vezes, saboreiam a mondar pul-

gas, esquecidas de que lá no alto, lá muito no alto, fica o quartel?..!

Ha dias, como sempre foi seu costume, uma pa te dessa trindade parecia morrer de paixão, se porventura um *simprôla* dum militar, que lhe passou á porta, acompanhado por um academico, lhe não transmitisse um olhar e lhe fizesse chegar ás mãos umas *letricas* de «*quero-te bem*».

Ora, branco é, galinha o põe, que o homem da farda, apesar de reconhecer a carôta uma cabeça *desmiolada*, lhe procurou satisfazer—isto ironicamente, é claro.

Como não levasse papel, nem de jornal já usado, eis que o generoso academico lhe cedeu um dos seus cartões.

Escrito á pressa, não fosse dar o fanico na *magricela*, é-lhe lançado lá acima, uma e outra vez, mas não houve meio... caía sempre...

O farda, que tinha mais que fazer, e só por *troça* fazia isto, foi-se embora (está-se a vêr...) dizendo com os seus botões: «*ele ha cada uma!*...»

Por sua vez o academico, reconhecendo, ainda a tempo, e muito bem, não dever deixar ir o seu cartão para tal *gente*, rasga-o sem mais delongas, pelo que sómente merece louvor.

Mas querem saber outra mais fina?

A *carôta*, *piando* (quem a não conhece?...) e saltando como cabras, chama-lhe tratante, dizendo que melhor fôra a sua familia dar aos pobres o dinheiro que gasta com ele, etc.!!!

Dar-se-ia o caso da pobre carôta andar aguada e pedir, por esta fórma, uma esmola ao estudante que insultou?

No proximo numero sairão mais verdades. Lutamos com falta d'espaco, por isso pedimos desculpa á trindade, assim como a todos os nossos queridos leitores.



Uma senhora, um destes dias, veio perguntar-me:

Porque foi que o Reitor escolheu o sr. Nunes, homem tam pequeno, para bedel?

— Naturalmente, minha senhora, para não ser desproporcional aos alunos do liceu.

Que pergunta exótica, hein?

J. Fidelis.

TEATROS

Cinema Chantecler

Hoje, exhibir-se-ha nesta acreditada casa de espectaculos, a sensacional pelicula «*Abutres de Paris*», série de ouro, em 4 partes.

High-life Cinema

Nesta elegante e luxuosa casa de espectaculos exhibir-se-ha a empolgante e arrebatante fita dramatica, dividida em 4 partes, «*Leões da Condessa*».

Como sempre, esta acreditada casa tem muita moralidade nas suas peliculas. Vão todos, sem receio!..

Cambio

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 1/2.

Uma libra, no Brazil, equivale a 19\$200 réis.

Valor de 100\$000 réis, moeda portugueza, corresponde no Brazil a 286\$537 réis.

PORTUGAL

Preço da libra, 6\$880 e 6\$920.

Ao que rabisca

Amigo A.:

Os «Rabiscos» que publicaste no ultimo numero da *Aurora*, deram-me assunto para esta carta.

Num estilo arrebatante e encantador, pelo que te felicitto, descreves os passeios agradaveis que pelo campo dás, embebido no realismo puro e divinal do nosso Eça (que decerto te faz calor), acariciado por a brisa leve e agradável que te consola, osculado por os raios brilhantes do sol a quem saúdas e assombrado pelas belezas misticas que o Creador mandou á terra para a adornar.

Dessa agradável letargia que envolve o teu pensamento, longe das amarguras da vida que o mortifica e afastado completamente de preocupações, acordas para te lembrares dos capitulos espantosos que compõem a *terrivel fisica* como tu a classificas, de esse monstruoso catrapasso que nos faz maldizer os *grandes burros de sciencia*, que tiveram a ousadia de o inventar, para nos ocasionar grandes confusões e formidaveis *espentanços*.

Permite-me, caro amigo, que te descreva tambem o pesadelo que constantemente me preocupa:

Após um dia fastidioso de trabalho continuo, procuro repouso ao meu corpo cansado e alivio á minha intellectualidade confusa de tanto problema que resolveu, entre os lençõs frescos do meu leito, sempre alvos como neve graças aos cuidados de minha santa mãe.

Com a mente cansada de tanto estudo adormeço. Sonho. E logo (semelhante ao Adamastor que aterrorizou Vasco da Gama) aparece-me tambem envolta em nuvens (levando-me a elas) a figura descomunal, obesa e interessante do meu illustre professor de inglês que me assombra e amedronta.

Contraem-se-me os nervos, convulsiona-se-me o corpo, oscila-se-me o peito, tapa-se-me a respiração, quero berrar, gritar extingue-se-me a voz, faço um esforço para me erguer mas força oculta não me o permite, vou para andar, fugir e não posso, terrivel!... verdadeiramente terrivel!!!

E' que, caro amigo, o sonho traz-me o *terrivel ZÉ Maria* envergando o *reding-coat* que ainda mais o engorda, segurando nas mãos reboliças e nervosas um *terrivel bengalório*, parecendo respirar fogo, olhando ferozmente através dos oculos *plano-cuvros*, querendo-me *embrulhar* com a piada fina que o caracteriza ou mandando-me depois de me ter *condenado á morte* para as regiões fantasticas, etéreas, longínquas e escabrosas do... logar!

Eis, amigo A., a minha preocupação constante.

Depois dum dia de tanto trabalho intelectual, era justo que a Providencia me desse aqueles sonhos floridos em que vejo junto a mim, muito aconchegada, a imagem bela da mulher sublime que eu amo, ou quando mais não fosse, o presentimento duma fortuna que viesse dar alento á doença que me ataca e que chega a todo o estudante—a *peneirice*.

Mas não; é sempre o *ZÉ Maria*, o *terrivel ZÉ Maria*.

Teu amigo,

B.

Um mau preságio

Ao Mario Guimarães

O pensamento, embebido nas belézas misticas daquela noite estrelada e luarenta, ia, como que letargiado, ás regiões longínquas e etéreas do sonho, e fantasiava a imagem pura e bela do ídolo que amamos, repousada num leito azul celeste, cravejado de estrelas, coberto pelo luar pálido, alvarento e encantador.

Foi numa noite assim de poesia que vimos ir, a éle, o pobre enamorado, subjogado pela incertesa que o conduzia á melancolia, vencido por um mau presentimento que o levava á dôr, receber, hesitante e perplexo, a resposta da carta, que momentos antes lhe arremessára á sacada rendilhada da sua habitação.

Quantas e quantas vezes fomos encontrar o infeliz rapaz, mergulhado em lagaimas, abafando no seu peito de amante os soluços que lhe brotavam da alma impregnada de dôr, escondendo, extasiado pela visão da imagem dela, a cabeça entre as mãos nervosas e compridas, cobertas pela cabeleira loura que lhe caía sobre a fronte, penoso, chorar, só pela ideia de por ela ser olvidado! Já ha muito tempo que a amava.

Porém, só naquela noite linda e poetica de Março, resolveu declarar-se, impulsionado pelo desespero de não poder suportar mais encoberta a chama ardente que no seu coração sufocava.

O luar vindo das regiões fantasticas é inspiradoras do Além, irradiava sobre ele os seus raios claros.

As estrelas brilhantes no céu dum azul encantador, eram as unicas testemunhas da scena que se passava.

Esperava ha momentos... A luz acendida dentro, iluminou a sala...

Nos vidros fôscos e translúcidos da janela, via-se a imagem dum vulto que, tomando de cada vez maiores proporções, aproximava-se... Abriu-se a janela...

Nesta, assomou um rosto opalino de mulher, um tanto pálido pelos raios luminosos que a lua lhe enviava, de bellesa angelica e divina... Temerosa, pondo em contacto os peitos tumidos e palpitanes com o peitoril, debruçou-se sobre este, abriu as mãos alvas de neve e deixou cair um papelinho branco que depois se viu ser uma carta...

Desapareceu... Ele, curvando-se sobre a relva onde a carta tinha caído, apanhou-a... Abriu... leu:

Amo-o tambem
Ao ler isto o coração baqueou-lhe...

Era feliz... E beijando sôfregamente aquela suave mensagem que trouxe luz á sua existencia e felicidade á sua vida, chorava de alegria, maldizendo o presentimento falso que tinha duma resposta negativa e que tanto o fez chorar, penar e sofrer!

Guimarães — Março de 1915.

Novaes Teixeira.

Expediente

A todas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal, consideramos assinantes, pelo que lhes ficamos muito gratos.

A REDACÇÃO.

Perfilando

ELE

Muito querido das damas ele é já um presidente. Sua Ex.^a quando passa montado no ginete do *Julinho* tem um ar desdenho que se lhe quadra como uma luva.

Amigo, (sem ser de Peniche) d'alguns estudantes, tem todos os dias segredos e mistérios que contar arrastando-os, por vezes, a grandes gargalhadas.

Atendendo á sua fina educação devem estas conversas ser belos passa-tempos.

Pena é que por motivos particulares as suas b... tenham caído ao golpe cruel da bárbara navalha que num minuto desfaz o trabalho de anos e anos.

Talvez para variar usa agora patinhas que lhe dão um aspecto muito *marcial*.

Admirador do belo sexo tem uma certa predilecção por uma Danilemer, de Tobas.

E se ainda não sabem quem é, acrescento que é o Barriños.

Pintaíno.

ELA

Tipo simpatico de inglesa. Quando ela passa com o cabelo a lourar-lhe a fronte, corpo elegante e esbelto, lançando um olhar verde marítimo acompanhado de sorrisos consoladores a quem a observa, eu lembro-me daquelas enfermeiras inglesas que, com cuidado fraternal, tratam dos seus compatriotas, feridos na actual guerra.

Aquele cabelo louro, muito louro, parecendo uma brilhante joia quando reluz ao sol, caíndo-lhe sobre o rosto um pouco pálido, dá-lhe um aspecto triste de santa, de beleza divina.

A fidalguia que lhe provém duma descendência nobilissima, reflecte-se nos seus dotes moraes, que tão bondosa e exemplar a fazem.

E nas brilhantes *soirées* que ultimamente se tem efectuado na Assembleia, a Joaninha é uma das senhoras que, com elegancia, mais *vôa... vôa... sem ir parar a Lisboa*.

Lucas.

Dize-me com quem andas...

E' flagrante de verdade a asserção que encima estas linhas. Com efeito, desde que o homem começa a ter por companheiros pessoas a quem o vicio ainda não tenha gravado o vil ferrete da ignorancia e da devassidão, esse que o tiver por confidente conservar-se-ha sempre puro e livre desse labéu que, hoje mais que nunca, invade a sociedade, indo levar o seu dominio até mesmo ao coração da familia. Do mesmo modo que o homem parece reunir em si todos os requisitos que o tornem bem visto perante a sociedade, desde que se torne companheiro do criminoso tornar-se-ha, em breve, como que um espelho onde se reflectem todos esses vicios que acabrunham e todas as miserias que rebaixam e aviltam. Nada para nós ha mais frisante do que o caso do filho prodigo que a Biblia nos patenteia. Desde que se deixa arrastar pelas torpes ideias dos que se dizem seus amigos, lançou-se ao mar encapelado da vida sem ao menos reflectir nos males que desse arriscado passo lhe poderiam advir.

Diariamente se presencia factos que são provas eloquentes da veracidade maxima que nos propuzemos desenrolar.

Assim, a maior parte dos adulescentes, cujos pais os abandonam sem ao menos lhes inocularem os sãos e uteis principios da honradez e probidade, deixam-se levar pelos ditames dos seus companheiros cuja alma já está denegrida pelo degradante vicio do ciume e em breve se vêem pendentes do abismo da desgraça e da corrupção. Eis porque deve sempre ter-se presente esta util maxima tão cheia de verdade, cujo conhecimento só nos pôde ocasionar o bem estar de nós mesmos, das nossas familias e da nossa tão querida Patria.

JOSE D'ABREU.

NATUREZA

Como tu és bela e sedutora! Porque não cesso eu de te contemplar?

Porque a tua beleza e os teus encantos são perpétuos. Tu que nos assombra com espectaculos radiantes e soberbos, és sempre digna da nossa contemplação embora humilde.

Como desejo, numa manhã sorridente, contemplar-te! Ir passear despreocupado, para os suburbios da cidade, por entre campos e serras.

Ser atraído pelas canções rusticas, que raparigas e moços cantam no campo além; examinar os tapetes floridos multicolores que cobrem as extensas campinas.

Ver os passaros em bandos, pousados numa arvore rebentando em flôr e depois fugirem espavoridos soltando gorgeios sonoros ao ouvirem o ruido dos nossos passos, indo aglomerarem-se n'outra arvore além.

Examinar as flôres cobertas de miriades de orvalho que se vão evaporando lentamente.

Ver o sol despontar no horizonte, dispersando os seus raios sobre os campos verdejantes, dando alegria.

Deitar-me junto dum regato, ouvindo o doce murmuro das aguas.

Arrancar dentre a relva um —*bem-me-quer*— para ver se aquela a quem consagro todo o amor me corresponde.

Senti vontade de escrever um poema intitulado a «*Natureza*»; traduzir, embora ligeiramente, os seus encantos.

Lembrei-me, depois, desanimadamente que tinha deixado em casa a arte e o metro para medir as silabas.

Mas que inspiração, que anciedade de descrever-te, ó *natureza* bemdita!

Guimarães, 29—3—1915.

José Fidelis.

Em fóco

Os desconcertistas do Gil Vicente.

O farol da policia.
A companhia de variedades da R. Elias Garcia.

A utilidade das polainas nos académicos.

A abertura do Velodromo Vimarense.

Os concorrentes deste, Assioli —Barros—Paçô.

As granadas para os vendedores deste periodico.

A influencia da bailarina do Gil Vicente, nos internatos.

O Nunes Gigantesco (obra d'arte).

A inspiração dum dos colaboradores, nas visinhanças.

As disputas horripilantes do Adélinho.

A região frígida de Guimarães.

A publicação quizenal deste periodico motivada pelas contusões numa das pernas do director.

A elegância, ternura dos arrebitos e fericóques... coques... coques dos nossos companheiros d'armas.

Obra d'arte oculta

Está no prelo este belo exemplar literário e scientifico, feito pelo nosso inteligente colaborador José Fidélis.

Tarde d'Inverno

Ao Carlos A. Garcez
Ao Arthur Oscar d'A. Alvaro

Ainda agora eu chorava os meus amores,
Tão infelizes,
E passavam na Rua os pescadores
Rezando tremulos uma oração,
Reza de Fome,
E pedindo, a chorar, lhes deem Pão,
O Pão que dá alento ao triste co po,
Corpo sem vida,
E tremendo, tremendo, co'andar torço
Parece que são filhos da Desgraça,
A mãe austera,
Nunca tem, ao menos, uma graça
No seu casebre triste, no seu Lar,
O Lar sem luz,
E vão sguindo sempre a rir, chorar;
A rir na desventura sem igual,
A que nos mata,
São filhos da Desdita — Portugal,
A patria dos heroes, dos navegantes,
A m nha Patria;
Terra que tem Coimbra d'estudantes,
Coimbra do Mondego, da Saudade,
D'ignez de Castro,
Coimbra dos Amores, da Mocadela!
Ai patria, triste patria, o meu olhar,
Olhar de triste,
Está cansado de chorar, chorar...

.....
E choro a tua perda inevitavel,
Ao lembrar-me o Passado memoravel
Da gente Lusa, gente Portuguesa;
Defini a saudade co'a tristeza
Que invade a multidão da Soledade...

.....
E enquanto os pescadores vão a cantar
A minh'alma de triste está a chorar...

Antonio Abilio de Mesquita.

(Do livro no prelo: *Genio Luso*).

Carnet

Passou no dia 23 do mês findo, o aniversario natalicio do nosso querido professor ex.^{mo} sr. dr. Pedro Gonçalves Sanches.

A «*Aurora Academica*» apresenta sinceras felicitações.

—Partiu para Jazente—Amarante, o nosso amigo e director sr. José Fernandes Lima.

Que regresse em breve ao nosso convívio é o que desejamos.

—Esteve doente o nosso colega e amigo sr. A. Veloso. Pronto restabelecimento.

—Passou no dia 30 de Março o aniversario natalicio da nossa colega e distincta colaboradora a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Gloria, irmã do nosso director.

Que esse dia se repita indefinidamente.

—Igualmente fez anos o nosso amigo e colega sr. Marques Guimarães.

Ad multos anos.
—Começou com a sua publicação o «*O Melro*».

Cumprimentamos o novo colega e longa vida.

—A gosarem as ferias da Pascoa, abandonaram o liceu muito dos nossos camaradas.

Que gosem muito e regressem dentro em breve é o que desejamos... com *saude e bichas*.

—Partiu para Louzado o nosso amigo e presidente da Academia sr. Antonio Gonçalves Cerejeira.

Feliz viagem e felicissimo regresso.

INSTITUTO DE ASEPSIAsob a direcção do analis-
ta Manuel Jesus de Sousa

Rua da Republica

GUIMARÃES**ALFAIATERIA RIBEIRO, FILHO**

Esta bem montada casa, instalada no Largo da Misericordia n.º 9 e 10, encarrega-se de executar com prontidão e correcção todos os trabalhos que lhe sejam encomendadas concernentes á sua arte.

Jacinto José Ribeiro

Largo da Misericordia n.º 9 e 10

GUIMARÃES

GUARDASOLARIA MODERNA

DE

João Vieira de Andrade

Rua da Republica n.º 154, 156, 158 e 160

GUIMARÃES

Nesta antiga e acreditada casa encontram-se á disposição dos Ex.ºs leitores, todos os artigos por preços convidativos, concernentes á mesma.

Visitem, pois, este estabelecimento.

PREÇOS MODICOS

Sempre novidades

AUGUSTO PINTO AREIAS

GUIMARÃES

Sortido completo para fatos d'homem em preto, azul e cr.

Tambem tem no seu armazem grande e variado sortido de fazendas d'algodão para revender

Casa High-Life

GUIMARÃES

MODAS E MIUDEZAS

CAMISARIA E GRAVATARIA

ARTIGOS DE BORDAR

de Antonio Joaquim Gonçalves

"Aurora Académica"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

RPEÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Mensal..... 4 centavos

Numero avulso..... 2 

Preço das publicaçõesAnuncios e comunicados, por linha 4 centavos
Repetição, por linha..... 2 

Anuncios não judiciaes, para os senhores assinantes, 25 % de abatimento

"AURORA ACADÉMICA"

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Ex.º Sr.

Sociedade Martins Lavoura
Guimarães